

PERCURSOS TEMÁTICOS E PERCURSOS FIGURATIVOS EM TEXTOS DE MARIO QUINTANA

LÚCIA MARIA FIRMO

Universidade Estadual de Pernambuco

lmfirmo@uol.com.br

MARIA DE FÁTIMA B. DE MESQUITA BATISTA

Universidade Federal da Paraíba

RESUMO

A partir de reflexões sobre o estudo de textos na prática docente de determinados cursos de Letras, buscaram-se, na teoria semiótica, subsídios para o exame da significação dos textos em discurso. Neste trabalho, que tem como *corpus* textos de Mario Quintana (Alegrete/RS, 1906-1994.), foram analisados, sob uma perspectiva semiótica, os percursos figurativos e temáticos, tendo como objetivo geral detectar a ideologia do poeta, distinguindo os percursos realizados pelo sujeito semiótico em busca do seu objeto de valor. Justifica a escolha desse autor o fato de que é necessário que sejam contemplados outros escritores da Literatura Brasileira, além dos nomes já consagrados, tendo-se, no entanto, a consciência de que não se pode exaurir todo um acervo num curso acadêmico. Quanto à metodologia fez-se o levantamento bibliográfico sobre Lingüística e Semiótica, em especial os trabalhos de Greimas, Pais, Barros e Fiorin.

PALAVRAS-CHAVE: Semiótica. Percurso da significação. Texto literário.

RESUMEN

A partir de reflexiones sobre el estudio de textos en la práctica docente de determinados cursos de Letras, se buscaron, en la teoría semiótica, subsidios para el examen de la significación de los textos en discurso. En este trabajo, que tiene como *corpus* textos de la obra del escritor Mario Quintana (Alegrete/RS, 1906-1994), fueron analizados, bajo una perspectiva semiótica, los trayectos temáticos y figurativos, teniendo por objetivo general detectar la ideología del poeta, distinguiendo los trayectos

realizados por el sujeto semiótico en busca de su objeto de valor. La elección de ese poeta se justifica por el hecho de que se hace necesario que se contemplen a otros autores de elevado valor en la Literatura Brasileña, además de los nombres ya consagrados, teniéndose, sin embargo, la conciencia de que no se puede disipar todo un acervo en un curso académico. En cuanto a la metodología, fue hecho el levantamiento bibliográfico sobre la lingüística y la semiótica, en especial los trabajos de Greimas, Pais, Barros y Fiorin.

PALABRAS-CLAVE: Semiótica. Trayecto de la significación. Texto literario.

Histórico

A Semiótica (do grego *semeiōtiké*) é uma ciência jovem, com pouco mais de trinta anos, visto que somente veio a ser reconhecida como ciência em 1969, quando foi criada a *International Association of Semiotics Studies*. No entanto, os estudos sobre o signo lingüístico, de que se originou a ciência da significação, remontam à Grécia antiga, numa perspectiva filosófica.

Platão observou no signo lingüístico uma estrutura triádica, cujos elementos ele denominou *ónoma* ou *nomos* (o nome), *eîdos*, *logos* ou *dianóema* (a idéia) e *prágma* ou *ousía* (a coisa referida). Aristóteles também considerou o signo triádico, denominando-lhe os elementos de *symbolon* (símbolo), *pathéma* (afecções da alma) e *prágmata* (retratos dessas afecções), e o definiu como *uma relação de implicação entre (q) e (p), onde (q) atua como signo de (p)*, explicando essa definição da seguinte maneira:

Pois aquilo que procede ou segue o ser ou o desenvolvimento duma coisa é um signo do ser ou o desenvolvimento dessa coisa. (apud Nöth, 1995: p.29)

Os estóicos também conceberam uma constituição sgnica triádica, com a seguinte terminologia: *semaínon*(o significante), *semainómenon* ou *lékton*(o significado) e *tygchánon*(a coisa referida). Por sua vez, os epicuristas propuseram uma composição diádica do signo, considerando apenas o *semaínon*(o significante) e *tygchánon*(a coisa referida).

Dentre outros aspectos lingüísticos, Santo Agostinho refletiu sobre a estrutura e os sentidos do signo. Acrescentando mais um elemento à tríade definida por Platão, o Bispo de Hipona propôs a seguinte formação sgnica: *verbum*(a palavra), *discibillis*(o exprimi-vel), *dictio*(a expressão) e *res*(a coisa), e elaborou a seguinte definição do signo:

O sinal é, portanto, toda coisa que, além da impressão que produz nos sentidos, faz com que outra coisa venha à mente como conseqüência de si mesmo. (2002: p.85)

Assim, na Idade Média, a doutrina dos signos foi estudada no âmbito da teologia, no *trivium* e no *quadrivium*. Embasados na teoria sgnica dos estóicos, em que a interpretação do signo ocorria dentro do processo silogístico indutivo, os escolásticos reconheceram três ciências: a *philosophia naturalis*(filosofia natural), a *philosophia moralis* (filosofia moral) e a *scientia de signis* (ciência dos signos), conhecida também como *scientia rationalis*(ciência da razão), visto que era correspondente à lógica. O escolástico São Tomás de Aquino refletiu sobre som/voz significado/significante, palavra interior (*conceptus*)/ palavra exterior (oral), conteúdo/expressão e as diferenças entre o falar de Deus e o do homem, enfoque principal do seu trabalho *De differentia verbi divini et humani*.

Na Idade Moderna, os filósofos de Port-Royal, numa perspectiva mentalista, propuseram um modelo diádico do signo: o conceito e a imagem acústica (ou visual), antecipando, de certa forma, a teoria do signo de Saussure.

No empirismo inglês, o filósofo John Locke adotou uma teoria nominalista do signo lingüístico. Sob esse aspecto, as palavras apenas

nomeiam as idéias e nada representam, constituindo-se a realidade das idéias. Desse modo, os signos são definidos como instrumentos do conhecimento, sendo classificados em idéias e palavras.

No final do século XIX, o europeu Ferdinand de Saussure e o filósofo americano Charles S. Peirce trouxeram uma valiosa contribuição para o estudo do signo.

Definindo o signo como *uma entidade psíquica de duas faces cujos elementos significado (conceito) e significante (imagem acústica) estão intimamente ligados e um reclama o outro* (1993: p.80), Saussure propôs que fosse criada uma ciência *que estudasse os signos no seio da vida social*, ramo da Psicologia, cujo nome deveria ser Semiologia.

O mérito da colaboração de Peirce reside na visão pansemiótica do mundo, na definição de signo e na definição de semiose. Para ele, *o mundo inteiro está permeado de signos, se é que ele não se compõe exclusivamente de signos* (apud Nöth, 1995: p. 62). Na teoria saussuriana não existe uma preocupação com a semiótica mundo. O ‘mundo’ fica restrito ao aspecto lingüístico.

O signo peirciano tem a seguinte composição: *um objeto*: a coisa referida entendida como modelo mental, o que se reconhece como objeto; *um representamen*: elemento que consiste em representar o objeto (um desenho, um retrato etc); *um interpretante*: tudo o que é assimilado pela mente e decodificado, através de uma reação. É a própria significação do signo. A semiose consiste num processo *ad infinitum*, de geração de signos.

Louis Hjelmslev considerou a função semiótica como o estudo da significação do texto, veiculado por códigos lingüísticos e não lingüísticos: o texto oral ou escrito, visual, gestual ou sincrético. Hjelmslev interpretou a estrutura sgnica proposta por Saussure, identificando, no signo, expressão, conteúdo, forma e substância (sentido), formando um todo complexo, cujos elementos se relacionam, estabelecendo uma interdependência entre expressão e conteúdo.

A Semiótica como ciência da significação

Concebida como ciência da significação, a semiótica teve seus limites estabelecidos pela escola francesa, a partir de Greimas, Courtés, Pottier, entre outros.

Greimas considerou a significação como um percurso, denominando-o percurso gerativo, constituído de duas estruturas: as sêmio-narrativas e as discursivas. Os autores mais atuais subdividiram as estruturas sêmio-narrativas em dois níveis distintos, o fundamental e o narrativo, além de considerarem o nível discursivo. Cada um deles é composto de uma sintaxe e uma semântica.

Na semântica do nível fundamental encontram-se as categorias que estão na base da construção do texto, apoiadas numa oposição entre dois termos que têm um traço comum, por exemplo: dinheiro constitui um traço comum entre riqueza e pobreza. Riqueza pressupõe com dinheiro; pobreza, sem dinheiro; donde rico implica não-pobre e pobre implica não-rico. Ainda, esses elementos semânticos são avaliados, considerando-se a classificação euforia (valor positivo) e disforia (valor negativo). Essa relação entre a negação e a asserção constitui a sintaxe do nível fundamental.

A sintaxe narrativa simula o fazer do sujeito, conforme sua visão de mundo, em busca do seu Objeto de Valor (OV), descrevendo-se os elementos que participam do processo narrativo que são: o destinatário (recebe a ação do destinador), o destinador (idealiza a narrativa, é o motivador do sujeito), o adjuvante (apóia o sujeito) e o oponente (prejudica o sujeito). Ainda nesse estágio, distinguem-se os enunciados de estado e os enunciados de fazer. Os enunciados de estado expressam uma relação de junção do sujeito com o seu objeto de valor (conjunção (\cap) e disjunção (\cup)) e os de fazer implicam as ações realizadas pelo sujeito em busca do seu Objeto de Valor. Esses enunciados organizam-se numa seqüência, em quatro estágios: a manipulação (tentação, intimidação, sedução e provocação), a competência (o sujeito, dotado de um saber e/ou poder-fazer, modifica o eixo da narrativa), o desempenho (mudança da narrativa de um estado a outro) e a sanção (o desfecho da narrativa).

A semântica narrativa trabalha o procedimento de instauração do sujeito semiótico. Aqui, encontram-se os objetos modais e os objetos de valor. Os objetos modais são elementos que contribuem para a instauração do sujeito: o dever, o poder, o querer e o saber fazer. Os objetos de valor são elementos com que o sujeito entra em conjunção ou disjunção, no desempenho.

O nível discursivo é o estágio mais aproximado da manifestação textual. É quando se integram o plano de conteúdo e o plano de expressão, ocorrendo a produção do texto.

A sintaxe discursiva trata das relações entre o enunciador e o enunciatário, do fazer persuasivo do enunciador. A enunciação consiste no ato da produção do discurso. Aqui, são analisados os processos da discursivização que compreendem a actorialização (pessoas), a espacialização (espaço) e a temporalização (tempo). Tais constituições são definidas a partir de categorias indicadoras de aproximação (embreagem) e distanciamento (debreagem), em relação aos sujeitos discursivos.

A semântica discursiva abrange os níveis de tematização e de figurativização, os quais se referem à dualidade tema/figura, que correspondem, numa seqüência gradativa, à dualidade abstrato/concreto. O tema é de natureza conceptual, faz parte das abstrações que são qualidades ou defeitos atribuídos a alguém, ou ações abstratas, como refletir, tramar etc. A figura refere-se ao mundo natural construído e não apenas ao mundo real existente. A caracterização dos extraterrestres é um exemplo de mundo natural construído. Nesse âmbito, encontram-se os textos figurativos e os temáticos. Os figurativos representam a realidade, transformando figuras do plano de conteúdo em figuras de superfície e os temáticos classificam e ordenam a realidade, tendo por funções a interpretação e a predição. Os níveis do percurso gerativo da significação formam um todo encadeamento de funções e representações, estabelecendo uma relação de interdependência, só havendo a possibilidade de desmembrá-los no momento de uma análise, como se pode observar a seguir.

POEMA

Oh! aquele menininho que dizia
“Fessora, eu posso ir lá fora?”
mas apenas ficava um momento
bebendo o vento azul...
Agora não preciso pedir licença a ninguém.
Mesmo porque não existe paisagem lá fora:
somente cimento.
O vento não mais me fareja a face como um cão amigo...
Mas o azul irreversível persiste em meus olhos.

QUINTANA, Mario. **A vaca e o hipogrifo**. São Paulo:Globo, 1995. p.51

Nível narrativo: A narrativa apresenta dois momentos do sujeito semiótico: S_1 criança e S_1 adulto. Assim, o programa principal é o mesmo em ambos os momentos: o destinatário (Dario), o destinador (Dor), que é o desejo, e o Objeto de Valor (OV_1) – beber o vento azul. O S_1 (criança) tem um adjuvante: a professora. O S_1 adulto tem um oponente: cimento.

No primeiro momento, o percurso completo do S_1 (criança) é o seguinte: para *beber o vento azul* (OV_1), é preciso que o S_1 (criança) vá *lá fora* (OV_2). Para ir lá fora, o S_1 precisa *pedir licença* à professora (OV_3). O S_1 é sujeito de um querer e passa a ser sujeito de um poder–beber o vento azul. Assim, ele entra em conjunção com o seu objeto de valor. Logo: $S_1 \cap OV_1$.

No segundo momento, o percurso completo do S_1 (adulto) é este: para *beber o vento azul* (OV_1), o S_1 (adulto) também precisa *ir lá fora* (OV_2), não precisa pedir licença, mas não pode mais beber o vento azul por causa do oponente: cimento. Assim, o S_1 (adulto) é sujeito de um querer–fazer e de um não poder–fazer, ficando disjuncto do seu objeto de valor: $S_1 \cup OV_1$.

Nível discursivo: No primeiro momento (infância), ocorre a debreagem, observada através do pronome *aquele* e das formas verbais *dizia* e *ficava*. No segundo momento (idade adulta), ocorre a embreagem, através do advérbio *agora*, do pronome *me* e das formas verbais *preciso*, *existe*, *fareja* e *persiste*. A situação espacial com-

preende dois espaços físicos internos: a sala de aula (*Fessora, eu posso ir lá fora?*) e onde o poeta estava no momento em que compunha o poema. Considerando-se a intensidade do desejo de *beber o vento azul*, esses espaços internos podem constituir um só: a mente do poeta. *Lá fora* figurativiza o espaço externo.

O tema liberdade permeia toda a narrativa. Na infância, ocorre a conquista da liberdade de poder *beber o vento azul*, onde vento sugere mobilidade para qualquer direção e azul pressupõe chegar ao céu, lugar de felicidade. A ausência de prédios altos favorecia mais a vista da paisagem e a passagem do vento, causando a impressão de liberdade. O menino, então, bebia o vento azul e o prazer era tanto que ele e a coisa bebida pareciam tornar-se uma coisa só.

Na idade adulta, ele vivencia uma situação paradoxal: embora seja livre para fazer o que quiser, a liberdade, concedida em criança, lhe foi tirada. A intensidade do desejo fica um tanto arrefecida, pois não existe paisagem, vento, ou um adjuvante que lhe compreenda a necessidade de *beber o vento azul*. *Somente cimento* significa que agora existem apenas a dureza e a frieza dos edifícios e das relações interpessoais que em nada se assemelham a uma relação entre uma *Fessora* e um garotinho. O último verso figurativiza o que ficou da liberdade, dando-lhe a esperança de um dia poder recuperá-la. O azul retido na memória constitui, também, uma maneira de conservar os prazeres e a magia dos tempos de menino e uma forma de conservar esse menino dentro de si, mesmo sendo (quase) forçado a enfrentar a realidade de ser adulto.

Nível fundamental: A oposição detectada nas estruturas do nível fundamental foi liberdade *versus* opressão que estabelece a tensão dialética da narrativa. Liberdade implica não-opressão e opressão implica não-liberdade. A junção de liberdade e não-opressão resulta no passado, o tempo em que existia a permissão e a satisfação de beber o vento azul. O passado é eufórico.

Opressão mais não-liberdade resultam no presente, tempo sem vento azul, sem liberdade (embora autônomo), prazer, sem adjuvante, e em que só há recordações. O presente é disfórico.

Considerações Finais

Ao longo das análises, foi possível detectar aspectos da ideologia de Quintana, subjacentes aos textos. A universalidade dos temas destaca-se nas oposições encontradas nas estruturas fundamentais (infância/velhice, liberdade/opressão, etc). São conflitos que se estabelecem no interior do próprio sujeito, considerando-se a sua subjetividade vista numa perspectiva semiótica.

Os destinadores são elementos positivos existentes no homem que o impelem na realização de ações positivas, observando-se a busca do autor pela obliteração da disforia e conseqüente obtenção de uma situação eufórica. As imperfeições humanas são os oponentes do fazer do sujeito, que remetem ao seu subjetivismo, impedindo-lhe a ação, enquanto que os adjuvantes são externos e apontam para papéis temáticos em que se infunde a supremacia do fazer humano.

O espaço, em geral, é definido como interioridade e os espaços externos apresentam-se como planos de passagem de um interior a outro (da sala de aula para *lá fora*). O tempo é marcado por advérbios que remetem à transformação do sujeito e por formas verbais empregadas no presente e no passado *infectum* ou inconcluso, em que o ato, mesmo sendo remoto, atravessa o ontem e o hoje, projetando-se no futuro de forma indeterminada. Daí porque a velhice ainda não existe, mas é a infância de hoje, donde se pode inferir que a conjunção com o Objeto de Valor, obtida na maioria dos percursos narrativos, está intimamente ligada a esse fato.

Espera-se que esse trabalho enseje novos questionamentos sobre a obra quintaniana e possa oferecer subsídios que sirvam de suporte aos interessados na análise semiótica do texto literário.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. **A doutrina cristã**: manual de exegese e formação cristã. Tradução de Ir. Nair de Assis Oliveira, csa. São Paulo: Paulus, 2002. – (Patrística, 17)

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria semiótica do texto**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2000.

COURTÉS, J. **Introdução à semiótica narrativa e discursiva**. Tradução de Norma Backes Tasca. Coimbra: Livraria Almedina, 1979.

DUBOIS, Jean et al. **Dicionário de lingüística**. São Paulo: Cultrix, 1978.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

GREIMAS, Algirdas Julien e COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Cultrix, 1979.

HJELMSLEV, L. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 1975.

LAUAND, Jean. **Santo Tomás de Aquino: sobre a diferença entre a palavra Divina e a humana**. Disponível em <http://www.hottopos.com.br/> Acesso em 2003.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário HOUAISS da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

NÖTH, Winfried. **Panorama da semiótica: de Platão a Peirce**. São Paulo: Annablume, 1995.

PAIS, Cidmar Teodoro. Texto, discurso e universo de discurso. In: **Revista Brasileira de Lingüística**, vol. 8 – n.º 1. São Paulo: Plêiade, 1981, p. 135 – 163.

QUINTANA, Mario. **A vaca e o hipogrifo**. São Paulo: Globo, 1995.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de lingüística geral**. 20 ed. São Paulo: Cultrix, 1993.